

# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

3

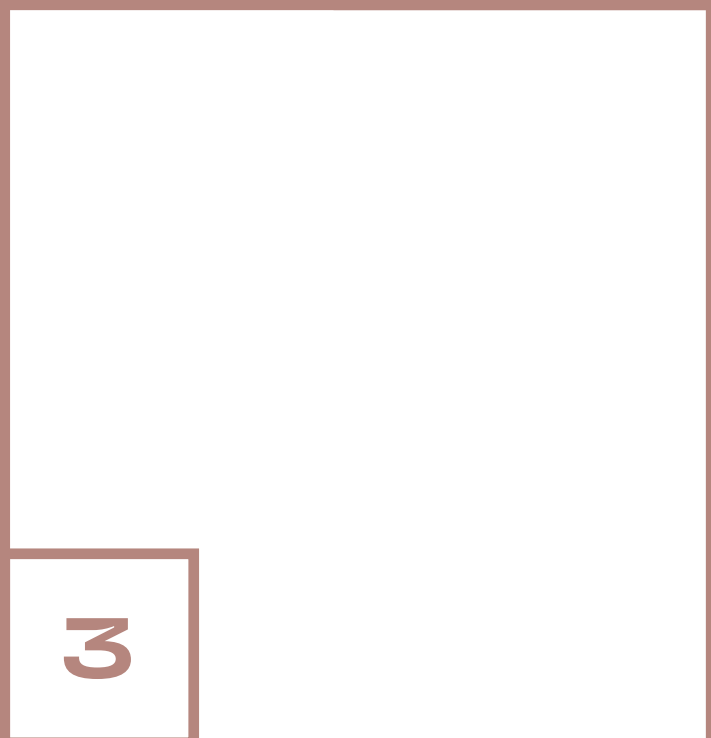
Cida  
Lima







**Várias  
mãos,  
uma  
cultura**  
RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana



**3**

**Cida  
Lima**







# apresentação



Arte popular tem história, tem alma. Por onze anos, eu tive, no Recife, a loja Artesan Brasil. De tudo que havia, as viagens de garimpo era o que eu mais gostava de fazer. Passava horas conversando com os artesãos e artesãs, artistas de suas terras, deixando tarefas importantes pra mais tarde. Eles, em geral, gostavam de mostrar cada detalhe da criação, apaixonados pelo que fazem. Isso traz o especial sentido do seu trabalho.

Quem vive essas experiências se encanta com o assunto, e foi pensando em compartilhar essas descobertas que surgiu a idéia do projeto *Várias mãos uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*. Durante todo o processo, aconteceram inúmeras trocas, iniciando por Camila Bandeira. Juntas, começamos a tecer o fio para criar a nossa rede de pessoas e histórias. Elas foram chegando, se encantando com o assunto e nosso grupo se formou naturalmente. Fomos conduzidos pela empatia e pelo mesmo propósito de honrar esses ícones do artesanato e da arte popular brasileira.

Esses livros foram criados em um ambiente de afeto e de respeito. Transbordam emoção pelas experiências que vivenciamos. Fomos acolhidos pelos artesãos e envolvidos pelo seu carinho e amor. Meu agradecimento de coração e alma a rede que foi e continua sendo tecida: Camila Bandeira, Julia Almeida, Bruno Albertim, Isabela Cunha, Roberto Miranda e Luciana Calheiros, e aos artesãos que nos receberam em suas casas, de coração aberto. Foi uma linda caminhada que me emociona com o resultado desse registro.

Marly Queiroz







## Cida Lima: o barro tem cabeça



N uma cadeia sinuosa de mais de 400 quilômetros hoje estendida também pelos estados de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, criados depois das muitas brigas republicanas dos pernambucanos contra o antigo Império, o Planalto da Borborema marca a paisagem agreste de Belo Jardim. A cidade é banhada também pelas bacias hidrográficas do Ipojuca e do Capibaribe, o rio que nasce na Serra de Jacarará, já na divisa com a Paraíba, e 248 quilômetros por 42 municípios pernambucanos depois, chega ao Recife onde encontra o Beberibe para desaguar no mar.

Além de definir a identidade da capital pernambucana, as águas do Capibaribe molham as terras e os destinos dos que nascem em Belo Jardim. Dessa terra molhada, em contraste com a caatinga, ressecada em boa parte do ano e ludicamente verde em outra parte, surgiu Maria Aparecida de Lima.

Nascida no ano de 1968 no sítio de nome Rodrigues, zona rural do município, muito menina, com sete ou oito

anos de idade, a pequena Cida era já louceira. Sem uso do torno, a comunidade se valia do saber ancestral da louça cabocla, herança remotamente indígena de pegar o barro do tipo tauá – palavra de origem tupi-guarani que significa apenas barro vermelho ou molhado – e, na dança das mãos sobre a matéria-prima, ir lhe dando formas até obter potes e panelas. “Era os utensílios que a gente usava no dia a dia para tudo. Até para lavar as panelas, a gente tinha que fazer alguidar, um tipo de bacia para lavar as coisas de casa.”

De pouca roça e pasto raro perto de casa, a louça, além de utensílio diário, era fonte de sustento. Pequena, a menina recebia de um avô cego o barro já amassado. Da avó materna, chamada Olívia Maria, os ensinamentos para ir moldando a argila com cuidado e paciência. Trabalhavam num dos cômodos da pequena casa de chão de cimento queimado e meias paredes, onde, à noite, o ateliê virava dormitório. “A gente nem tratava o barro, usava ele do jeito que era tirado da terra.”

Com a avó, a magricela Cida ia andando, a louça ajuntada num matulão sobre a cabeça, para vender a mercadoria no centro de Belo Jardim em dia de feira. Apenas muito recentemente, no ano de 2020, o Rodrigues começaria a receber acesso ao pavimento a partir da rodovia que sai da cidade. Com o barro, Cida fez a vida e criou os quatro filhos. Com o barro, moldou sua identidade.

Não foi um tempo fácil. O solo nem sempre se fazia generoso. As principais jazidas de barro, muitas vezes, ficavam em terrenos cercados e vigiados por outros donos. Para viver, Cida precisava, nos primeiros tempos da vida adulta, vender sua força de trabalho para o barro alheio.

*“Antes, a gente era como uns escravos. Não tinha barro próprio, não podia tirar do terreno dos outros”,*

ela lembra, a voz modulada por um sotaque tão agreste como a paisagem. “Quem tinha barro contratava a gente para fazer as panelas e levava para vender na feira por um custo muito

maior do que pagava a gente”. A vida seguiu assim até muito pouco tempo atrás, até os anos de 2001, 2002.

Era o tempo em que uma vizinha encomendava a Cida as panelas para revender na feira. Dona da argila, a mulher pagava, em valores da época, um real por cada panela moldada. “A gente fazia mais de um cento de panela e ganhava uma miséria. Nesse tempo, a gente passava tanta fome, mas tanta fome, que eu criava uma galinha só pra esperar ela botar ovo pra poder assar pros meninos. Um dia, ela veio e pediu para eu baixar mais o preço de cada panela, e eu disse, com a mão cheia de bolha, que assim era melhor trabalhar de graça”.

Para se livrar da exploração imposta pela atravessadora, Cida e o marido decidiram que iam juntar os poucos trocados para comprar barro, produzir e vender as próprias panelas e potes. Cida produzia as peças. Seu Germano Cícero as vendia em Pesqueira, cidade próxima, de feira grande e ruidosa – e sem o monopólio



do comércio de panelas demarcado já pelos vizinhos. Logo da primeira vez em que foi, o homem voltou pra casa com o mesmo saco. Ainda mais cheio do que foi. Porém, de comida: “O saco tava pesado de tanta coisa. Nunca vi tanta comida junta. Tinha arroz, farinha, açúcar, feijão, bolacha, que os pobres dos meninos nunca tinham visto bolacha na vida. A gente só tinha vontade, mas nunca tinha visto tanta carne junta. Botamos a carne que

tinha osso no fogo; e o resto, a gente salgou no alguidar.”

Daquele dia em diante, Cida nunca mais trabalhou para aumentar o barro dos outros. Aos 55 anos de idade no ano de 2023, quase não dá conta das encomendas que lhe chegam das muitas cidades de Pernambuco e de outras tantas de um Brasil que ela mal conhece. Entre parentes e vizinhos, 13 pessoas trabalham em sua produção.









Fotografia colorida de um forno à lenha, construído em alvenaria, sobre o chão de terra, debaixo de uma cobertura de telha de amianto. O corpo do forno, com cerca de 2m de diâmetro, está parcialmente rachado, com partes do reboco caído. A boca do forno, em arco, tem as beiras desgastadas e queimadas. Dentro dela, uma camada de cinzas. Fora da cobertura, à direita, um amontoado de lenha próximo a um arbusto.



Germano Cícero da Silva, o marido, largou a antiga profissão de pedreiro. Passou a trabalhar exclusivamente com a olaria artística da mulher. Dos quatro filhos, três se dedicam ao ofício da mãe.

A antiga residência da família, uma casinha de quarto e duas pequenas salas em chão de cimento queimado e telha franca, virou apenas ateliê, oficina, comércio e depósito de peças. Uma nova casa, para moradia, erguida ao lado da antiga, passou a oferecer comodidades como um piso limpo e reluzente de

porcelanato. Na cozinha, praticidades urbanas como uma geladeira com freezer e forno de micro-ondas. Na sala, em vez dos antigos tamboretos de madeira rústica, um conjunto de estofados confortável para assistir à televisão de bom tamanho sobre a estante decorada com peças de barro. Quando Cida começou a trabalhar, nem eletricidade havia no Rodrigues. Dos velhos tempos, ela mantém, apenas, um fogão à lenha no quintal: “Feijão não tem gosto se cozinhado em fogão de gás”.





Ana Veloso: a artista ajudou as mulheres do Sítio Rodrigues como Cida Lima a desenvolver suas linguagens artísticas.

Reconhecida pelo Programa do Artesanato Brasileiro, Cida desfrutava, por exemplo, do reconhecimento de mestra na ala dedicada à excelência dos criadores na Fenearte, a Feira Nacional de Negócios do Artesanato, criada há mais de 20 anos, em Pernambuco. Com mais de cinco mil profissionais de todo o País mobilizados a cada edição, o evento figura como a maior feira do segmento em toda a América Latina.

A persona artística de Cida Lima, assim como a de outras de suas conterrâneas e contemporâneas de pés

e mãos sujos de barro, começou a ganhar musculatura quando apareceu, no Sítio Rodrigues, uma artista baixinha e falante, óculos redondos antecipando os olhos muito vivos, chamada Ana Veloso. Desenhista, gravadora e pintora de destaque na cena do Recife desde os anos 1980, a paraibana andava dedicada ao letramento artístico de comunidades de grande talento e experiência prática, mas de pouco acesso ao mercado formal de artes. Uma espécie de militante social e estética.



Pelas mãos das oleiras do Sítio Rodrigues, peças utilitárias como potes de água ganham aspecto lúdico. Essas eram as peças feitas antes de Cida conhecer a artista Ana Veloso.

Senhora reconhecida na cidade pelo sucesso da empresa que leva o sobrenome da família como referência nacional na produção de baterias automotivas em Belo Jardim, onde é fonte de receita e de empregos formais para parte expressiva da população, dona Conceição Moura ouvira que Ana andava por comunidades rurais da cidade de Garanhuns, não muito longe dali. E falava da importância de se voltar a dar a importância à cultura do barro em Pernambuco, de se criar incentivo para o trabalho das cada vez mais raras panelleiras tradicionais. “Dona Conceição

me levou para conhecer as louceiras do Sítio Rodrigues, era tudo muito rústico, tradicional. Mais que panelas, faziam jarras e potes para água”. Com suporte da mecenas, criou-se, então, um projeto de mentoria.

Ana queria convencer mulheres louceiras como Cida a adotar estratégias para a agregação de valor à cerâmica de tradição familiar. Parecia, mas não era um trabalho fácil. “Eu a vi passando umas três vezes para lá e para cá, a coitada já tava com raiva, de cara feia, de tanto xingamento que levava”, lembraria Cida. “As mulheres não queriam perder o tempo que tinham pra fazer seus potes e vender na feira pra ficar ouvindo aquela conversa de fazer peça assim, assada. De fazer negócio de acabamento.” Um vereador enciumado, na época, tentou atrapalhar o trabalho da forasteira. Achava que a mulher plantava sementes em seu curral eleitoral.

“Se não fosse Ana Veloso, a gente não tinha saído daqui pra nada, não tinha chegado em lugar nenhum. Ela começou a trazer gente do Recife, pra









**Fotografia colorida das mãos de Cida amassando argila. A mão esquerda está aberta; e a direita, fechada, pressiona um punhado de argila que pegou da outra mão. No chão, um bolo de argila sobre um saco plástico. Cida é vista parcialmente: está agachada, as pernas à mostra. Usa sandália de dedo rosa cintilante e está com as unhas dos pés pintadas metade rosa escuro metade rosa claro. Vê a roupa branca de bolinhas pretas.**



comprar as peças, a trazer jornalistas para falar do trabalho da gente. Teve uma mulher que me comprou cem potinhos para botar doces numa festa de aniversário, aí eu vi que aquela conversa ia dar certo”, lembraria Cida. “Quando chegou Ana Veloso, a gente trabalhava em Pesqueira. Ela queria umas peças mais bem acabadas, desenhadas. Nessa época, a gente não fazia nem acabamento nas peças. Não sabia o que era isso.” Quando muito, ela lembra, as panelas tinham apenas riscos e traços elementares impressos com a ponta de uma pena de galinha.

Pernambuco, havia um tempo, contava já com a militância de pessoas importantes em diluir as fronteiras invisíveis e classistas entre a chamada arte erudita e o fazer popular. Seguindo a máxima da arquiteta Janete Costa, do “interferir, sem ferir”, Ana ia estimulando a imaginação daquelas mulheres. “Dizia apenas para que elas absorvessem o que viam ao redor. As coisas, as pessoas, os bichos”.

No ano de 2005, com uma produção excedente para o consumo local, Ana e dona Conceição Moura abrem, às





Entre Célia Novais, grande incentivadora de políticas de desenvolvimento do artesanato em Pernambuco, mulheres do Sítio Rodrigues como Cida e sua filha Joselma (no canto direito da imagem).

margens da BR-232 que atravessa o município, o centro de artesanato Tareco e Mariola.

Ao lado de Cida, ganhavam expressão suas contemporâneas de barro. Maria do Carmo, conhecida como Neguinha, trabalhando na argila desde os dez anos de idade, autora de são franciscos e outros santos geométricos e alongados, além de tamanduás de rabos e pernas de volumetria intensa. Joselina, também iniciada na infância, escultura de animais, como cabras, e árvores ocas e minimalistas povoadas por pássaros.

Da mesma geração, Luiza Maria da Silva morreria precocemente, no final de outubro de 2023, de uma parada cardiorrespiratória, aos 64 anos, enquanto trabalhava no Sítio Rodrigues. Conhecida apenas como Luiza dos Tatus, projetou a cerâmica de suas companheiras com a representação da fauna por ela observada – cobras, lagartixas, iguanas e os tatus que lhe serviram de sobrenome artístico. Como suas amigas, Luiza havia começado pequena, aos nove anos, a trabalhar como louceira no seio da família.



Maria de Oliveira de Jesus Bernardo: com a mãe, Cida Lima se iniciaria na arte do barro.

Com o trabalho das ceramistas de Belo Jardim apresentado à então primeira-dama do Estado, Renata Campos, no ano seguinte Cida e suas companheiras estreavam na Alameda dos Mestres da Fenearte. “Antes, elas nem peneiravam o barro, as peças eram cheias de pedrinhas. A interferência, se houve interferência, foi natural. Elas iam fazendo coisas e bichos, como tatus e lagartixas, e eu dizia quetava lindo. E elas riam, diziam que eu estava doida. O que as fez crescer foi ver o mundo, interagir com outros artesãos. Algumas nunca tinham sequer

visto o mar ou sentado numa cadeira de restaurante.”

Com a demanda aumentando, uma mulher chega à porta de Cida Lima com uma encomenda. Vitimada por uma enxaqueca forte e constante, queria duas cabeças feitas em barro para pagar uma promessa a Nossa Senhora da Conceição pela cura do tormento.

Cida havia crescido longe da mãe. Depois de tê-la com um homem que não quis seguir com o casamento, Maria Olívia de Jesus Bernardo seguiu a vida. Arrumou um novo marido. Com ele, teve outros cinco filhos e foi morar na Paraíba. Apegada à avó, Cida recusou-se a ir. Ficou com a avó. Nos intervalos na lida com a confecção das panelas, usava o mesmo barro para moldar as bonecas possíveis de sua infância.

“Eu disse à mulher que só faria as cabeças se fossem iguais às das minhas bonecas que eu fazia quando era menina.”

A mulher levou as cabeças, Cida ficou contente e, dias depois, recebeu o espanto de Ana Veloso que veio em forma de pergunta: “Quem fez essas cabeças?” “Eu e meu filho Jailson”.









De um repertório expandido também para panelas e utilitários como cuscuzeiras adornados com flores e pequenas esculturas de animais, Cida, a partir dali se notabilizaria pela confecção de cabeças. Versão particular dos ex-votos de tradição no catolicismo popular nordestino, esculturas de linhas elegantes, minimalistas, suavemente geométricas, olhos representados por volumes em traços horizontais, sua grande assinatura na escola da cerâmica do Sítio Rodrigues, um capítulo a ser ainda devidamente escrito na história oficial da escultura popular brasileira.

Com a palavra, Ana Veloso: “Cida, como suas companheiras, é muito forte. Tem identidade, é minimalista. Elas sintetizam as formas a partir do que observam. Não reproduzem nada do que é feito no barro no Brasil, nem em Caruaru, nem no Vale do Jequitinhonha, de Minas Gerais. Um trabalho de muita originalidade”.

A mestra vai fazendo escola também em casa. Dos quatro filhos, à exceção do primogênito, com carteira assinada na fábrica de baterias Moura, chamado Josimar, 37 anos em 2023, os outros







Fotografia colorida de uma jovem sentada no chão de cimento, encostada na parede, com as pernas estendidas e cruzadas. Cabisbaixa e séria, de perfil, virada para a esquerda, ela molda, raspando com uma faca, uma cabeça de barro, apoiada sobre as coxas. Ao fundo, baldes, e bolos de argila enrolados em sacos plásticos. Através de uma porta, várias cabeças enfileiradas, em prateleiras e no chão.



Os filhos Jadeilson e Jailson; e os netos, Maria Alice e José Aquiles. O barro atravessa gerações.

três dedicam-se ao barro como ofício. Joselma, 34 anos, e Jadeilson, quatro anos mais novo, seguem com relativa fidelidade a estética materna. “Antes, eu trabalhava como pedreiro. Machuquei o joelho e fiquei ajudando minha mãe. Não quis mais sair daqui”, diz o filho.

O caçula, Jailson Lima, nascido em 1990, é comerciante, cantor, humorista e apresentador de um programa muito popular na internet em Belo Jardim, mas não deixa de arrumar tempo para moldar o barro herdado da mãe.

“A gente aqui já nasce meio que com barro no sangue”.

Ampliando o tema, incorpora as “cabeças” de Cida Lima em peças de usos múltiplos como moringas e vasos.

Os filhos, além de vizinhos e parentes, se engajam na linha de produção das peças assinadas pela mãe. Uns fazem as bases da cabeça oca; outros, dão-lhes as feições. A mestra, usando as pedrinhas de seixo antes usadas pela avó Maria Olívia, dá o acabamento. Alisa



cada cabeça de barro até uma textura confortável ao toque e ao olhar.

Perfeccionista, Cida não deixa os humores do fogo interferirem no aspecto final das peças. “Se não saírem da mesma cor, a cabeça toda uniforme, eu pinto as cabeças”. A solução acabou por agradar ao mercado contemporâneo da arquitetura de interiores, com encomendas de cabeças de tamanhos variados em verde musgo, brancas, pretas. Com exclusividade para uma galeria de São Paulo, esses crânios minimalistas são também adaptados para vasos. “O barro vermelho pode virar panela, aguenta fogo, agora é esse barro mais preto só serve para peças de decoração mesmo”, ela pontua.

Uma rotina ali mais perene que a paisagem. Pega-se o barro, peneira-se para livrar-lhe de pedregulhos e impurezas. Amassado, macio e molhado, o barro descansa oito dias em sombra. Sem poder sentir o toque de vento. Depois de moldadas, mais três ou quatro horas de forno em chama forte. Secas, limpas e finalizadas, mais

uma semana depois estarão as peças prontas para o mundo.

De suas últimas criações, Cida fez versões agigantadas das cabeças. Resistentes, para servirem de bancos. Pensa, vez por outra, em imprimir no barro formas novas, ideias sopradas pelo juízo. “Mas eu não consigo parar para fazer. O povo só quer minhas cabeças”. Cida, de alguma forma – uma forma feliz, diga-se de passagem – é refém da tradição que ela mesmo criou para si. “A gente só sabe o valor que a gente tem quando vai pro mundo”, diz sua voz, agreste, modulada e ciente do barro de si.











Fotografia colorida, em detalhe, das mãos de Cida. Ela segura, com a mão esquerda, uma cabeça de barro pelo pescoço, pressionando o topo da cabeça contra a barriga. A mão direita segura um seixo cinza escuro próximo à cabeça, que está com o rosto para baixo. As mãos da mulher e as costas da cabeça estão iluminadas de cima. Ao fundo, a roupa branca de bolinhas pretas.





TÍTULO *Várias mãos, uma cultura:*  
*retratos da arte popular pernambucana*  
Volume 3 – Cida Lima

IDIOMA Português

CIDADE Recife

FORMATO digital

PÁGINAS 40

EDIÇÃO 1ª

ANO DE EDIÇÃO 2024

ISBN 978-85-60411-25-2

Idealização e curadoria  
Marly Queiroz

Produção executiva  
Camila Bandeira e Júlia Almeida  
(Proa Cultural)

Textos  
Bruno Albertim

Audiodescrição  
Liliana Tavares (Com Acessibilidade)

Fotografia  
Isabela Cunha

Projeto gráfico  
Luciana Calheiros e Aurélio Velho  
(Zoludesign)

Tratamento de imagem  
Aurélio Velho (Zoludesign)

Este fascículo faz parte da coleção *Várias Mãos, uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*, foi diagramado entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. A fonte utilizada para os títulos é a TT Travels Next, desenvolvida por Kseniya Karataeva e Yulia Gonina, distribuída pela TypeType; para os textos, utilizou-se a Tablet Gothic Wide, projetada por José Scaglione e Veronika Burian, disponibilizada pela TypeTogether.

APOIO



PRODUÇÃO EXECUTIVA



INCENTIVO



Secretaria  
de Cultura





